

PORTUGAL - EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERNO E DO MERCADO DE TRABALHO

□ Emprego continua a crescer e exportações aumentam mas a um ritmo inferior

As exportações e as importações continuam a crescer a bom ritmo, contribuindo para a actual dinâmica económica do país. No entanto, o défice comercial tem-se vindo a agravar em termos homólogos, com as importações a crescerem de forma mais expressiva face às exportações. Espanha, Alemanha e França mantêm um bom ritmo de procura e representam em conjunto 66% das exportações nacionais para a UE28 e 50% das exportações totais. Fora do espaço europeu, os destinos Angola, Brasil, China e EUA mostram taxas de variação homólogas muito expressivas. Quase todas as categorias económicas registaram aumentos em relação ao período homólogo, continuando-se a destacar as vendas ligadas a fornecimentos industriais, maquinaria e outros bens de capital.

As estatísticas trimestrais do emprego continuam a apontar para uma melhoria sucessiva do mercado laboral, com a taxa de desemprego a cair para 8.8% no 2T de 2017, e a taxa de emprego a atingir 53.8%, prolongando a série de variações anuais positivas, iniciada na segunda metade de 2013. No entanto, importa ter em consideração a possibilidade de existirem efeitos sazonais a explicar a criação substancial de empregos no 2T do ano, em comparação com o trimestre anterior, considerando a existência dos empregos de Verão nesta altura do ano. Ainda assim, parece-nos claro que o mercado de trabalho segue uma recuperação favorável, estimando-se, desta forma, que a taxa de desemprego possa ficar abaixo da estimativa do Executivo e de outros organismos internacionais.

1. Exportações e importações crescem a níveis de dois dígitos até Julho (y/y)

Segundo as estatísticas do comércio internacional de Julho, divulgadas pelo INE, o défice da balança comercial de bens situou-se em 1,057 milhões de euros (ME), um aumento de 446 ME face ao mês homólogo de 2016 (+73.0%). Excluindo a classe de Combustíveis e lubrificantes, o défice foi menor, 625 ME, correspondendo a um aumento de 219 ME em relação mesmo mês de 2016 (+53.9%). **Se considerarmos o período de Janeiro a Julho, o agravamento do défice total foi de 1,677 ME (+28.9%). Se excluirmos os combustíveis e lubrificantes, o défice aumentou em 4311 ME (+505.4%).**

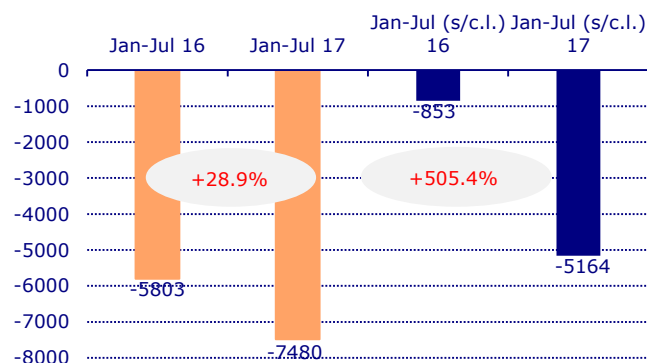
Em Julho, as exportações e importações totais de bens verificaram variações homólogas nominais de +4.6% e +12.8%, respectivamente (+6.7% e 6.6% em Junho). **Se considerarmos o período que abarca o primeiro semestre do ano, as exportações e as importações totais registaram aumentos homólogos de 12.1% e de 14.5%, respectivamente. Isto significa que o actual ritmo mais forte da actividade económica tem levado não só a uma intensificação das exportações como das importações.** No caso das exportações, o aumento no espaço da UE28 foi de 8.7% y/y, enquanto fora do espaço da União representou um acréscimo de 23.5% y/y (embora o peso em valor seja muito menor).

Num exercício de análise, se considerarmos o valor das exportações e das importações totais mensais por cada dia útil, podemos confirmar a ligeira tendência ascendente e posterior estabilização tanto das importações como das exportações. **Assim, o intervalo entre importações e exportações tenderá a manter-se, fazendo antever uma estabilização na dinâmica do comércio internacional.**

Por países, Espanha, Alemanha e França continuam a ser os principais destinos das exportações portuguesas (66% no grupo do comércio intra-UE28, e 50% no total das exportações). **Embora com peso comercial muito**

Saldo da Bal. Comercial de bens (total e s/ combustíveis e lubrif.), Janeiro a Julho e período homólogo

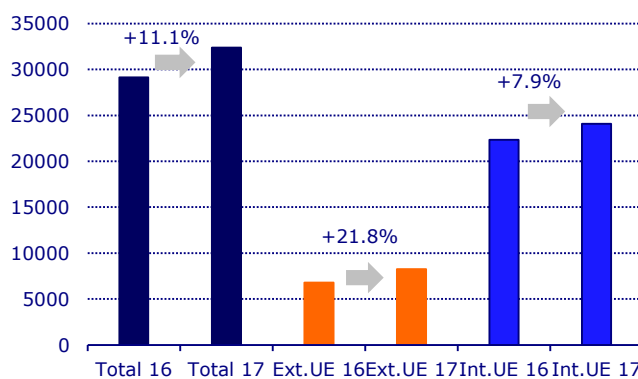
(milhões de euros)



Fonte: INE, BPI

Exportações no período Jan/Jul versus homólogo

(milhões de euros)



Fonte: INE, BPI

TEMAS EM DESTAQUE

PORTUGAL - EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERNO E DO MERCADO DE TRABALHO (cont.)

inferior, Brasil, Angola, China e EUA registam taxas de crescimento homólogas bastante elevadas, confirmando o sucesso das políticas de diversificação de mercados implementadas nos últimos anos.

Exportações por principais países de destino - Jan/Jul versus homólogo

	2016	Peso	2017	Peso	tvh	contrib.
(milhões de euros)						
Intra-U.E.	22,332	76.7%	24,094	74.5%	7.9%	6.1%
Espanha	7,678	26.4%	8,216	25.4%	7.0%	1.8%
Alemanha	3,525	12.1%	3,660	11.3%	3.8%	0.5%
França	3,827	13.1%	4,132	12.8%	8.0%	1.0%
Reino Unido	2,114	7.3%	2,163	6.7%	2.4%	0.2%
Holanda	1,110	3.8%	1,298	4.0%	16.9%	0.6%
Extra-U.E.	6,786	23.3%	8,268	25.5%	21.8%	5.1%
EUA	1,381	4.7%	1,684	5.2%	22.0%	1.0%
Angola	705	2.4%	1,047	3.2%	48.4%	1.2%
China	366	1.3%	491	1.5%	34.3%	0.4%
Marrocos	389	1.3%	463	1.4%	19.3%	0.3%
Brasil	272	0.9%	401	1.2%	47.2%	0.4%

Fonte: INE, BPI

Importações por tipo de bens - Jan/Jul versus homólogo

	2016	Peso	2017	Peso	tvh	contrib.
(milhões de euros)						
Bens industriais	10,465	30.0%	11,739	29.5%	12.2%	3.6%
Bens de consumo	5,507	15.8%	5,808	14.6%	5.5%	0.9%
Material de transporte	5,882	16.8%	6,404	16.1%	8.9%	1.5%
Bens de capital	5,304	15.2%	6,201	15.6%	16.9%	2.6%
Combustíveis	3,106	8.9%	4,511	11.3%	45.2%	4.0%
Alimentação e bebidas	4,650	13.3%	5,171	13.0%	11.2%	1.5%
Outros	8	0.0%	7	0.0%	-12.7%	0.0%
Total	34,921	-	39,841	-	14.1%	-
Excluindo combust.	31,815	91%	35,330	89%	11.0%	10.1%

Fonte: INE, calc. BPI

Como referido, no período de Janeiro a Julho verificou-se um aumento homólogo das importações totais de 14.1%; excluindo os combustíveis (que têm um peso de cerca de 10% nas importações) esse aumento foi de 11%. E é de facto o grupo dos combustíveis que maior aumento registou no período em análise comparativamente ao ano antecedente, mais de 45%. Seguem-se os bens de capital e os bens industriais com aumentos de 17% e de 12%, respectivamente. Aparentemente estes valores podem ser explicados pelo aumento da actividade económica.

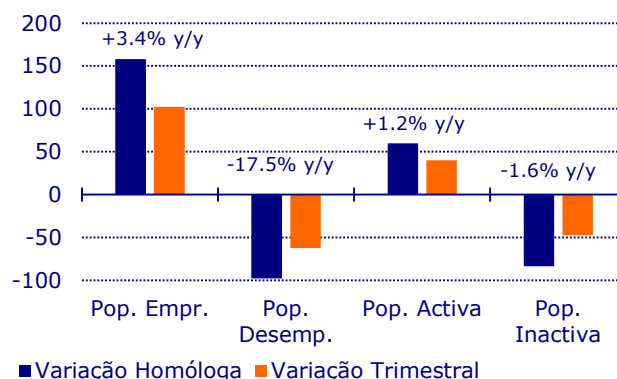
2. Taxa de desemprego diminui para 8.8% no 2T de 2017

A população empregada continua a registar uma trajectória muito positiva, iniciada no 4T de 2013, com constantes variações homólogas positivas desde então. O 2T de 2017 não foi excepção; de facto, foi possível assistir, de acordo com os dados do INE, a um aumento homólogo da população empregada de 157.9 mil, o equivalente a uma variação de 3.4%, o aumento mais expressivo desde o último trimestre de 2013. Ao mesmo tempo, verificou-se um incremento em 2.2% em comparação com o trimestre anterior. Deste modo, a taxa de emprego (indivíduos com 15 e mais anos) fixou-se em 53.8%, uma melhoria de 1.9 pontos percentuais (p.p.). A melhoria homóloga do indicador da população empregada abrangeu, principalmente: ambos os sexos (+3.4%), a classe etária dos 45 aos 64 anos (+5.8%), com nível de escolaridade completo correspondente ao secundário e pós-secundário (+7.3%), no sector dos serviços (+3.4%), assente, principalmente, no alojamento, restauração e similares (+19.7%), trabalhadores por conta de outrem (+4.1%), nomeadamente com contrato de trabalho sem termo (+4.9%), empregadas a tempo completo (+3.7%). O aumento do emprego no 2T foi conseguido através de contratos permanentes de emprego (4.9% y/y) e também de contratos a prazo (2.2% y/y). No entanto, a comparação trimestral aponta para um crescimento mais significativo no caso dos contratos a prazo (6.8% q/q) do que no caso dos contratos permanentes (0.9% q/q).

No que diz respeito à população desempregada, os dados do INE revelam uma queda da taxa de desemprego de 2.0 p.p. para 8.8% no 2T do ano, o equivalente a uma redução de 17.5% y/y (-97.9 mil pessoas, para um total de 461.4 mil indivíduos). É possível verificar que os segmentos populacionais onde se

Variação da pop. empregada, desempregada, activa e inactiva

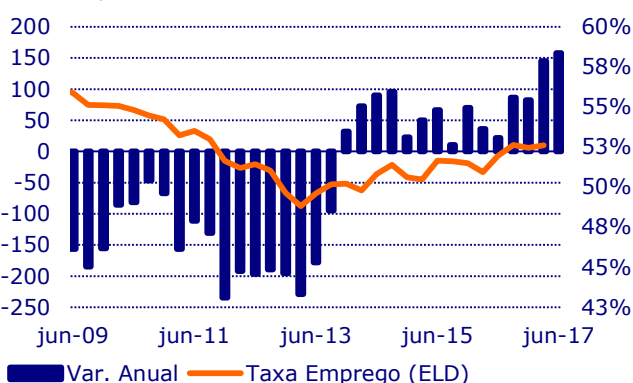
(Milhares de indivíduos)



Fonte: INE

Emprego

(milhares; %)



Fonte: INE

PORTUGAL - EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERNO E DO MERCADO DE TRABALHO (cont.)

registaram as taxas de variação homólogas mais favoráveis foram: o sexo masculino (-21.3%), os do grupo etário dos 45 e mais anos (-22.6%), com o nível de escolaridade completo relativo ao secundário e pós-secundário (-20.7%), à procura de novo emprego (-17.7%), no sector da indústria, construção, energia e água (-21.9%), e que estavam numa situação de desemprego de longa duração, ou seja, há 12 ou mais meses (-23.8%). Ao mesmo tempo, foi possível assistir a uma redução homóloga de 4.2 p.p. da taxa de desemprego jovem (indivíduos com idade entre os 15 e os 24 anos), para 22.7%. Recorde-se que a taxa de desemprego jovem atingiu o máximo da série no 1T de 2013, quando registou 42.5%. Adicionalmente, nota positiva para a queda de 1.7 p.p. (face ao 2T 2016) para a taxa de desemprego de longa duração, para 5.2% (no 1T de 2013, a taxa registou o seu valor máximo, de 10.3%). A Região Autónoma da Madeira, Região Autónoma dos Açores, Norte e Área Metropolitana de Lisboa foram as áreas geográficas onde a taxa de desemprego no 2T superou a média nacional (11.0%, 10.0%, 9.5% e 9.4%, respectivamente). Em sentido inverso, o Alentejo, o Algarve e o Centro registaram taxas de desemprego inferiores à registada para o país, de, respectivamente, 8.7%, 7.6% e 7.0%.

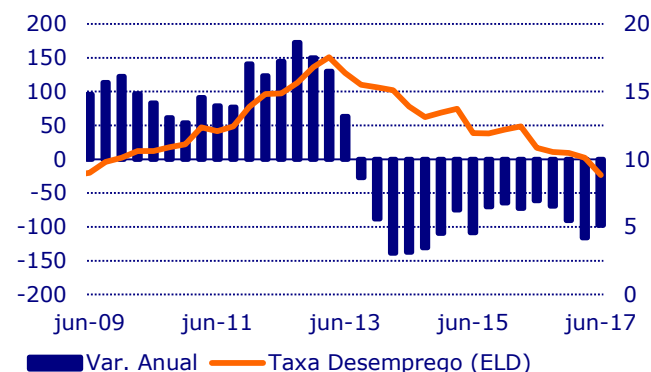
O INE publicou ainda uma medida mais alargada de desemprego, a taxa de subutilização do trabalho, onde se incluem: (i) população desempregada; (ii) subemprego de trabalhadores a tempo parcial; (iii) inactivos à procura de emprego mas que não estão disponíveis; e (iv) inactivos disponíveis mas que não procuram emprego. No 2T de 2017, **903.3 mil pessoas encontravam-se nesta situação, o que corresponde a uma taxa de 16.6%.** Assim, em comparação com o trimestre homólogo, a subutilização do trabalho diminuiu 13.7% e 8.4% em comparação com os primeiros 3 meses do ano. A diminuição da subutilização do trabalho deveu-se, principalmente, à população desempregada e aos inactivos disponíveis mas que não procuram emprego.

Nota ainda para **o número de jovens (15-34 anos) que não estão empregados nem a estudar ou em formação, que diminuiu face ao trimestre anterior em 1 p.p. para 10.8%, e -1.9 p.p. face ao período homólogo.** Esta situação afecta em maior proporção as mulheres (54%), os indivíduos com idade entre os 25 e os 34 anos (62%), com um nível de escolaridade de até ao 3º ciclo (49%) e desempregados (59%).

Apesar da trajectória positiva evidenciada pelos dados do INE, importa ter em conta que estas estatísticas não são ajustadas de sazonalidade, pelo que parte desta melhoria pode ser justificada pelo período temporal a que dizem respeito. Neste sentido, é possível verificar que, no 2T de anos anteriores, a população empregada regista variações trimestrais muito favoráveis, potencialmente relacionadas com os empregos de Verão. A suportar esta perspectiva, é também possível verificar que o sector onde se registou uma criação de empregos mais substancial no 2T de 2017 foi o do alojamento, restauração e similares e que a zona geográfica onde a taxa de desemprego registou a queda mais acentuada foi o Algarve (diminuição da taxa

Desemprego

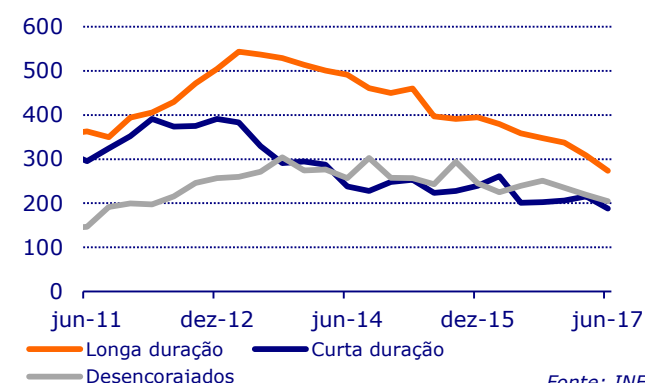
(milhares; %)



Fonte: INE

Desemprego e Desencorajados

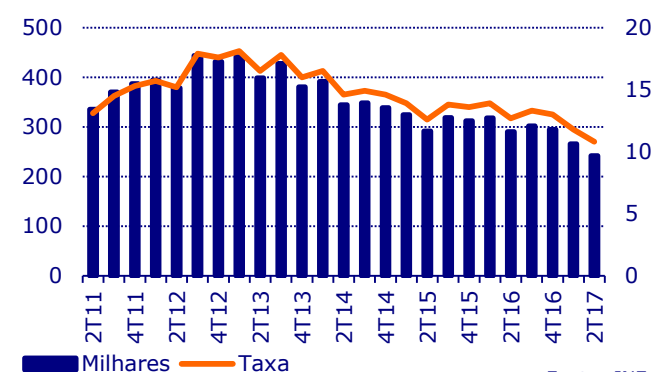
(milhares de indivíduos)



Fonte: INE

Jovens com idade entre 15-34 anos não empregados e que não estão em educação ou formação

(milhares de indivíduos; %)



Fonte: INE

TEMAS EM DESTAQUE

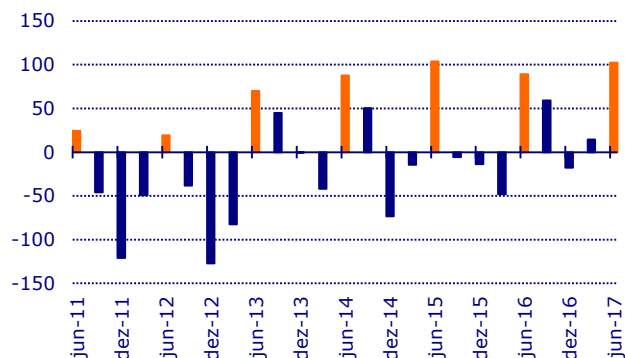
PORTUGAL - EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERNO E DO MERCADO DE TRABALHO (cont.)

de desemprego em -3.0 p.p. face ao trimestre anterior). Nota final para outro dado já mencionado em cima, relativo aos tipos de contrato: de facto, a variação trimestral dos contratos com termo foi significativa (+6.8% q/q) em comparação com o aumento dos contratos sem termo (+0.9% q/q).

No entanto, as estatísticas do emprego continuam a apontar para um desempenho muito favorável do mercado laboral (visível pela trajectória descendente da taxa de desemprego mensal, publicada pelo INE e corrigida de sazonalidade, que atingiu 9.1% em Julho, aproximando-se dos níveis de 2008), **pelo que revimos a nossa previsão para a taxa de desemprego média para este ano, para 9.1%**. A confirmar-se este valor, a taxa de desemprego ficaria abaixo do projectado pelo Executivo e pela Comissão Europeia (9.9% nos dois casos) e da estimativa do FMI (9.7%).

Variação trimestral da população empregada

(milhares de indivíduos)



Fonte: INE, cal. BPI